

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Folha de São Paulo

Class.:

Data:

01.05.78

Pg.:

Surpresos, os xavantes recebem o líder morto

PAMELA NUNES
Enviada Especial

PIMENTEL BARBOSA (MT) — Os poucos xavantes que estavam na manhã de ontem no posto indígena de Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, não podiam imaginar que o súbito movimento de aviões da improvisada pista de pouso da aldeia, trazia jornalistas ao local onde dentro de poucas horas era enterrado o líder absoluto daquela nação e um dos mais importantes chefes indígenas contemporâneos, o cacique Apoena.

Com o rádio do posto danificado há dois meses, os xavantes que ontem não foram à roça receberam festivamente o primeiro avião que chegou, em alegria que se transformou em choro e cânticos fúnebres assim que o filho mais velho de Apoena, o xavante Arondi — 55 anos e 15 filhos — já inteirado da morte do pai, comunicou através de discurso em xavante:

“O pai morreu em Brasília. Já estava velho e muito cansado. Seu corpo está vindo. O pessoal da Funai está trazendo. A partir de hoje eu sou o novo cacique de Pimentel Barbosa porque sou o mais velho e o indicado do pai. Essa é a notícia que eu tinha a dar pra vocês”.

A mensagem de Arondi foi traduzida pela atendente de enfermagem do posto indígena, única funcionária da Funai que estava na aldeia Maria Alzira, explicando, ainda, que os índios estavam revoltados porque o corpo não chegou no mesmo dia da morte à reserva.

ENTERRO

Por volta das 10h30, chegou o avião da Funai transportando o caixão com o corpo de Apoena. Nele vinham também o presidente do órgão, general Ismarth de Oliveira e o sertanista Apoena Meireles — que recebeu esse nome em homenagem ao velho cacique responsável pelo contato com o branco por volta de 1950.

Os xavantes receberam o caixão em meio a cânticos fúnebres e muito choro e o conduziram para a maloca de Apoena onde o corpo foi velado por cerca de duas horas. Em

seguida, quando chegou um dos filhos do velho chefe que estava fazendo um curso em São Marcos, acompanhado do cacique Mário Juruna — que soube da morte do tio e conseguiu uma carona de avião — todos dirigiram-se para o cemitério, onde Apoena foi enterrado junto com seus pertences, segundo a tradição xavante.

Durante três dias, xavantes de Pimentel Barbosa e demais aldeias de Mato Grosso visitarão constantemente o túmulo do velho cacique, lamentando a sua morte. Apoena morreu em Brasília, vítima de pneumonia, aos 105 anos de idade — segundo ele próprio afirmava — e deixou 32 filhos, dos quais apenas 5 estavam presentes na aldeia por ocasião do sepultamento.

UNIDADE

O novo cacique Arondi, ao assumir a chefia da aldeia de Pimentel Barbosa, declarou que irá continuar trilhando os caminhos traçados pelo pai no contato que vinha mantendo com a civilização branca. Não vou à Brasília pedir nada nem vou ficar esperando que o projeto xavante da Funai venha ver a gente. Vou trabalhar junto com meu povo e também não vou querer que outros xavantes de fora venham atrapalhar nós”, disse Arondi.

Segundo o general Ismarth, os xavantes estão agora sem um líder geral. Embora bastante idoso, Apoena mantinha-se lúcido e se não exercia mais uma posição de chefia atuante, mantinha com a sua presença uma unidade entre os xavantes “Eles vão ter que resolver esse problema agora”, disse o general. Os xavantes precisam de um grande líder que terá que ser eleito por eles”.

Para Apoena Meireles — que ficou revoltado com o estado de abandono do posto de Pimentel Barbosa — a situação daqueles índios merece reflexão: “Não foi esse o trato que meu pai fez com o velho Apoena. É triste constatar a situação de miséria desse povo de tradição guerreira”, concluiu o sertanista.



O corpo do cacique Apoena foi transportado num caixão para o posto indígena de Pimentel Barbosa, onde foi enterrado segundo a tradição dos xavantes.